

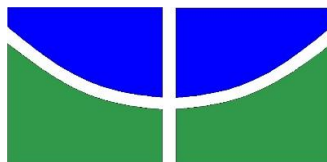
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)
Trabalho de Conclusão de Curso

**DE GRÃO EM GRÃO A GALINHA ENCHE O PAPO: A PRESENÇA
DOS ANIMAIS NOS PROVÉRBIOS BRASILEIROS**

Ivy Muriel Mattos Caldas

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luisa Ortiz de Alvarez

Brasília, 2014



Ivy Muriel Mattos Caldas

DE GRÃO EM GRÃO A GALINHA ENCHE O PAPO: A PRESENÇA
DOS ANIMAIS NOS PROVÉRBIOS BRASILEIROS

Qualificação do Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação da Universidade da Brasília, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luisa Ortiz Alvarez

Brasília, 2014

DEDICATÓRIA

À minha mãe, que sempre me
motiva, me incentiva e me dá forças para
enfrentar os desafios.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos primeiramente à minha mãe, cujo apoio e motivação foram fundamentais para que eu chegasse até aqui e que sempre me incentiva em toda e qualquer etapa da minha vida. Mãe mais maravilhosa não há. Pai, sempre tão carinhoso e cuidadoso, muito obrigada. Agradeço a atenção, compreensão, todo conhecimento acadêmico e experiência de vida da minha querida orientadora Maria Luisa Ortiz Alvarez. Levarei cada contribuição para sempre comigo. Ao professor Marcos de Campos Carneiro, meus agradecimentos. Sua disciplina foi essencial para embasar e nortear este trabalho. Não esqueceria jamais da pessoa com quem viverei e partilharei minha vida, Renan, minha maior motivação. Agradeço seu incentivo, seu companheirismo e, claro, sua compreensão e forma carinhosa com que me apoia nos momentos difíceis. Laiane, sua contribuição para este trabalho também foi muito importante, obrigada.

“Precisamos dar um sentido humano às nossas construções. E, quando o amor ao dinheiro e ao sucesso nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu.” – Érico Veríssimo

RESUMO

Desde pequena a criança aprende a língua rica em expressões e frases idiomáticas, fruto da sabedoria popular e passa a utilizá-las sem perceber que fazem parte do seu dia a dia e sem saber qual a origem e história daquela expressão nem o seu verdadeiro sentido. Exemplo desses mecanismos ou “acessórios” da língua são as expressões idiomáticas, as frases feitas, as locuções, os provérbios, etc. O conhecimento e apreensão dessas unidades facilitam a comunicação e, conseqüentemente, a compreensão entre os falantes. Em vista disso, esse trabalho propõe realizar um estudo, partindo de uma análise e reflexão de enunciados fraseológicos, neste caso os provérbios, presentes na língua portuguesa falada no Brasil. O estudo dos provérbios ganha cada dia mais espaço nas pesquisas, são expressões de origem popular que apresentam uma moral e expressam conselhos ou ironias sobre a vida cotidiana e resultam sempre da observação aguda que o homem faz da realidade que o circunda. Os provérbios apresentam características diferenciadas como o seu cunho moral, sua musicalidade e ritmo, e o modo com que seu aprendizado é passado de geração em geração. Além de oferecer uma análise mais aprofundada desses enunciados muito usados no dia a dia, o trabalho também procura trazer à tona a origem de provérbios que representam o mundo animal. Foi observada uma significativa frequência da metáfora animal em estruturas proverbiais, o que levou a um estudo específico nesse sentido, a fim de compreender o motivo desse uso recorrente e a sua relação com o falante.

Palavras-chave: Fraseologia, Unidade fraseológica, Paremiologia, Provérbio.

ABSTRACT

Since very young, children learn a language rich in idiomatic phrases and expressions, result of popular wisdom, they use them without realizing that is part of your everyday life and not knowing what the origin and history of that expression nor its true sense. Examples of these mechanisms or "accessories" are the idiomatic expressions, the phrases, locutions, proverbs, etc. The knowledge and apprehension of these units facilitate communication and, consequently, the understanding between speakers. Following this observation, we propose to conduct a research, starting from a reflection and analysis of phraseological statements, in this case the proverbs present in the Portuguese language spoken in Brazil. The study of proverbs each day gets more space in the surveys. The proverbs are expressions of popular origin that have a moral and express irony or advice about everyday life, and are always the result of an acute observation that man makes of the reality that surrounds him. Proverbs exhibit different characteristics as his moral nature, his musicality and rhythm, and the way that their learning is passed from generation to generation. Besides providing a more thorough analysis of these statements widely used in everyday life, this work also seeks to bring out the origin of proverbs representing the animal world. It was observed a significant animal metaphor in the proverbial structures, which led me to a specific study about that, in order to understand the reason of the recurrent use and its relationship to the speaker.

Keywords: Phraseology, Phraseological unit, Paremiology, Proverb.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Desenvolvimento.....	11
2.1 A Fraseologia.....	11
2.1.1 As Unidades Fraselógicas.....	13
2.1.2 As Parêmtias.....	15
2.2 A Paremiologia.....	17
2.2.1 Os Provérbios.....	18
2.2.1.1 Principais características dos provérbios.....	20
2.2.1.2 Uma reflexão sobre as origens dos provérbios.....	24
2.2.1.3 Animais em provérbios.....	27
3. Metodologia.....	30
4 Resultados.....	37
Considerações finais.....	39

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ferramenta <i>Concordance</i> para lematização da palavra "boi"	31
Figura 2 – Gráfico com número de freqüência para cavalo, boi e galinha.....	32
Figura 3 - Uso da ferramenta <i>Cluster</i> para a palavra "cavalo"	33
Figura 4 - Uso da ferramenta <i>Collocates</i> para a palavra "cavalo"	34
Figura 5 - Uso da ferramenta <i>Collocates</i> para a palavra "boi"	35
Figura 6 - Uso da ferramenta <i>Collocates</i> para a palavra "galinha"	36
Figura 7 – Distribuição percentual da população nos Censos Demográficos...	37

1. INTRODUÇÃO

O ser humano utiliza a comunicação para a realização de todas as suas atividades. No trabalho, na escola, na faculdade, em uma consulta médica, ou mesmo em atividades individualizadas como ouvir música, ler um livro ou ver um filme, a comunicação está presente, seja de forma escrita ou de forma oral. Para aumentar a expressividade e facilitar a comunicação, o ser humano inseriu estruturas compostas e padronizadas na linguagem. Estruturas compostas porque é feita a junção de duas ou mais palavras (unidades lexicais) resultando assim, em locuções ou sintagmas; e padronizadas porque, à medida que a utilização dessas locuções se torna mais frequente, elas adquirem o grau de convencionalidade na comunidade falante dessa língua. Essa fixação acontece tanto com a unidade fraseológica, pois a estrutura geralmente estável possui um significado que não está dado pela soma dos significados dos seus componentes, como com o enunciado fraseológico que garante seu espaço na comunicação ao ser passado de geração em geração.

Acerca do campo de estudo dos provérbios, há diferentes pontos de vista. Autores como Zuluaga (1980) acreditam que os provérbios fazem parte da fraseologia já que se encaixam no conceito de *enunciado*. Os enunciados, de acordo com esses autores, são divididos em enunciados incompletos (locuções, colocações) e enunciados completos (as parêmias, ou seja, os provérbios). Por outro lado, alguns autores como Rodriguez (2004) e Julio Casares (1950) preferem não incluir os provérbios na fraseologia, especialmente por apresentarem características únicas e algumas de cunho folclórico, portanto, deveriam ser objeto de uma ciência própria: a paremiologia.

A paremiologia estuda e registra provérbios de todas as origens e culturas. A maioria dos provérbios não tem idade, não se sabe exatamente como, onde e quando surgiram, no entanto, muitos deles partem do princípio de tudo, ou seja, dos ensinamentos dos Evangelhos. Tem-se conhecimento de que grande parte dos provérbios tem origem na Bíblia ou se baseiam nos pensamentos advindos dela. Não só da Bíblia como também de outras

religiões, alguns provérbios surgiram e continuam a representar a mesma ideia até os dias atuais.

Por serem estruturas tão frequentes na comunicação humana, auxiliando ou mesmo se explicando por si só, os provérbios merecem uma atenção especial. Neste trabalho, será possível conhecer um pouco sobre as possíveis fontes e referência dos provérbios, as suas principais características e modos de cristalização (convencionalidade) na língua. Além disso, a frequente presença de animais em sua estrutura é um fato que atrai a curiosidade e será discutida aqui. Para muitos, pode parecer coincidência, mas na realidade há uma explicação ou várias para a manifestação da fauna na comunicação. Será necessário, então, fazer uma viagem no tempo em busca dessas explicações.

Antes de entrar nos provérbios, é importante analisar brevemente o campo da fraseologia, suas definições, conceitos e teorias de especialistas da área.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A FRASEOLOGIA

O surgimento dos estudos fraseológicos aconteceu relativamente há pouco mais de um século. Na época, já existiam alguns trabalhos científicos acerca do léxico, ancorados na Lexicologia, uma ciência recente, embora os estudos acerca das palavras remontem à Antiguidade Clássica. Os estudos lexicais foram deixados de lado e relegados a um segundo plano, para dar lugar às preocupações acerca dos estudos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Enquanto ciência do léxico, ela estuda as relações deste com os outros sistemas da língua, mas, sobretudo, as relações internas do próprio léxico e abrange domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, etc., e relaciona-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica.

A Lexicologia ocupa-se de promover pesquisas a respeito de todos os processos que envolvem determinada unidade lexical, a saber: origem, forma, significado, etimologia. A Lexicografia, por sua vez, segundo Biderman (2001, p. 162), “*busca descrever o léxico geral da língua e se relaciona com todas as outras funções da linguagem. O léxico geral cobre o contexto da comunicação dialógica, bem como o universo referencial, passível de cognição pelo sujeito humano*”.

Até hoje há discussões a respeito do enquadramento da Fraseologia. Seria uma subárea da Lexicologia ou uma disciplina independente? Há posicionamentos diversos sobre essa questão. Para Klare (1986, p. 356), por exemplo, apesar da tendência dos pesquisadores soviéticos considerarem a Fraseologia como disciplina independente e excluí-la do campo da Lexicologia, o autor acredita que ela deva ser concebida como área específica dentro da Lexicologia. Diferentemente de Klare, Rodriguez (2004) defende a autonomia da disciplina.

A Fraseologia deu seus primeiros passos com Charles Bally (1951), considerado pai da fraseologia. Bally, no processo de desenvolvimento dos estudos de seu mestre, Saussure (1916), fala pela primeira vez sobre o conteúdo da fraseologia e sobre as *locuções fraseológicas*. A partir daí, a investigação a cerca da Fraseologia foi se aprofundando cada vez mais com o passar dos anos e com a contribuição de novos linguistas.

Hoje, a Fraseologia pode ser considerada uma subárea da Linguística Aplicada, por exemplo, por auxiliar no ensino e aprendizado de línguas. Há também a aplicação da Fraseologia em outros diversos campos de conhecimento humano, constituindo a chamada Fraseologia Especializada. Esse ramo estuda as unidades fraseológicas utilizadas na comunicação entre profissionais e/ou estudiosos de determinada área do conhecimento. Há por exemplo, a fraseologia musical, fraseologia jurídica, fraseologia aérea (aeronáutica), fraseologia ambiental, fraseologia computacional e outras.

Ortiz Alvarez (no prelo) entende a Fraseologia como:

O conjunto de combinações de elementos linguísticos em uma determinada língua, relacionadas semântica e sintaticamente e que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos. Nela se incluem todas as combinações onde os complementos possuem traços metafóricos geralmente estáveis (em alguns essa estabilidade é parcial permitindo algumas alterações sem perder o significado total da expressão).

Fraseologia seria então, o estudo das unidades fraseológicas (UF's), ou seja, das locuções, das frases feitas, das expressões idiomáticas, das colocações e provérbios. Fraseologia pode ser também o conjunto de unidades fraseológicas ou fraseologismos. Esses fraseologismos são justamente estruturas compostas fechadas, objeto dessa disciplina. O termo Fraseologia pode ser caracterizado como polissêmico, por ter mais de um significado: uma disciplina, inerente à Lexicologia, e o conjunto de unidades fraseológicas.

2.1.1. AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS (UF'S)

As Unidades fraseológicas são as estruturas que integram o caudal fraseológico, tornando-se seu principal objeto de estudo. As UF's são unidades lexicais complexas, que apresentam uma polilexicalidade e uma estabilidade relativa e cuja carga semântica de seus elementos é dada pela unidade fraseológica que não depende da soma dos significados de cada um deles. Elas também podem ser chamadas de fraseolexemas, locuções fraseológicas ou fraseologismos.

A essência do que seria a formação de uma Unidade Fraseológica pode ser entendida por meio da seguinte definição de Ortiz Alvarez (2001 p. 86):

as unidades fraseológicas tem algo em comum: são padronizadas, convencionalizadas como resultado final da sua evolução dentro de uma determinada comunidade linguística onde outrora foram novidades, mas que com o passar do tempo adquiriram uma estrutura sintático-semântica complexa, constituída por dois ou mais lexemas mais ou menos estáveis.

Cada lexema desses possui seu próprio significado, mas, ao formarem o complexo semântico adquirem um significado diferente. Nas palavras de Vilela (2002, p. 190), cada componente perde seu significado individual para construírem um novo significado.

Outros fraseólogos e especialistas no estudo definem o que é uma unidade fraseológica, principal objeto de estudo da Fraseologia. De acordo com Rosemarie Glaeser (1998), uma unidade fraseológica é

um grupo de palavras lexicalizado, reproduzível, billexêmico (i.e., composto por duas palavras) ou polillexêmico (integrado por vários termos) em uso comum, que possui uma relativa estabilidade sintática e semântica, que pode ter características idiomáticas, que pode conter conotações, e que pode ter uma função enfática ou intensa em um texto.

Para Alberto Zuluaga Ospina (1980, p. 16; 19), são todas as construções linguísticas formadas por combinação fixa de duas ou mais palavras.

Leonor Ruiz Gurillo (1997, p. 14) acredita que as unidades fraseológicas são combinações fixas de palavras que apresentam algum grau de fixação e eventualmente de idiomaticidade.

Corpas Pastor (1997, p.20) define as unidades fraseológicas como “unidades léxicas, formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta”.¹

Segundo Monteiro-Plantin (2011, p. 250),

As unidades fraseológicas são combinações de unidades lexicais relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formados por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes (...) utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que, muitas vezes de forma inconsciente.

¹ Tradução para língua portuguesa: “unidades lexicais constituídas por mais de duas palavras em seu limite inferior e cujo limite superior é fixado ao nível da oração composta”

Alguns exemplos de unidades fraseológicas seriam então: *Boa noite*, *Cara a cara*, *Bater as botas*, *Chutar o balde*, *Farinha do mesmo saco*, *À beça*, *Chorar o leite derramado*, e assim por diante. Nota-se que cada uma dessas expressões tem um significado só, que muitas vezes, não é o significado literal de cada componente da frase. A metáfora, presente nessas unidades, representa a sua idiomaticidade (vide Gurillo (1997)). De acordo com Tagnin (2005), a idiomaticidade se diferencia da convencionalidade. As expressões convencionalizadas são aquelas aceitas de comum acordo, como por exemplo, *Boa noite*, *Bom apetite*. A partir do momento que seu significado é opaco, não é transparente, elas se tornam uma expressão idiomática, mas não deixam de ser convencionais. Exemplo de expressão idiomática: *Bater as botas*, uma expressão convencionalizada que não significa literalmente a ação de bater as botas, mas adquiriu outro significado, “falecer”/“morrer”.

Nota-se também que as UF's necessitam de um complemento no momento da fala e de uma situação, devendo ser inseridas em contexto para poderem ser compreendidas por aqueles que não as conhecem, principalmente os estrangeiros. O mesmo, e até mais claramente, acontece com outro tipo de unidade fraseológica, os chamados sintagmas fraseológicos (Rodriguez 2004 p. 23-36). Para Rodríguez, os sintagmas fraseológicos são um grupo de unidades fraseológicas que necessitam combinar-se com outros termos para resultar em um enunciado completo. Por exemplo, sintagmas verbais (ex. *pisar na bola*, *pedir esmola*) e sintagmas nominais (ex. *risco de extinção*, *amizade verdadeira*, *lágrimas de crocodilo*) dentro deles, sintagmas adverbiais (ex. *às vezes*, *à noite*, *dar água na boca*), sintagmas preposicionais (ex. *apesar de*), sintagmas conjuntivos (*mesmo que*, *bem que*), entre outros.

Rodríguez faz ainda menção a outro tipo de unidade fraseológica: as parêmias, principal elemento deste trabalho. Sobre elas falo a seguir.

2.2. AS PARÊMIAS

Outro grupo de unidades fraseológicas, segundo Rodríguez, são as parêmias. Parêmias são os chamados provérbios, objeto de estudo da

paremiologia e, conseqüentemente, deste trabalho. Para Rodríguez, as parêmiias são um tipo de unidade fraseológica, mas que, por possuírem características folclóricas e sociais, exprimirem conselhos, lições, verdades e princípios, são um tipo específico de UF e por isso, têm seu estudo próprio.

Diferentemente de Rodríguez (2004), Zuluaga (1980), em seu Manual de Fraseologia Espanhola, escreve que, na verdade, as parêmiias estão incluídas dentro do conceito de enunciado, que, por sua vez, está inserido na Fraseologia. Já para Julio Casares (1950), as parêmiias devem ser estudadas paralelamente à Fraseologia, pois o autor a divide somente em locuções e modismos.

Há divergências acerca do campo de estudo dos provérbios. Uma das vertentes considera que os provérbios devem ser estudados separadamente da Fraseologia, portanto reservados para uma ciência própria e específica, a Paremiologia. No entanto, há uma segunda vertente que insere os provérbios na Fraseologia, pois os estudiosos dessa linha acreditam que esta última abarca qualquer estrutura que possua as características já mencionadas, ou seja, as das locuções, modismos, frases feitas, como também, os aforismos, os refrões e os provérbios.

A ideia de trazer um breve panorama da área de Fraseologia a partir do seu surgimento, explanando seus principais conceitos e objetos de estudo, já demonstra de certa forma a linha de pensamento deste trabalho. Considero que a base dos estudos paremiológicos advém da ciência fraseológica, ou seja, o processo de reconhecimento dos provérbios como enunciados linguísticos de estrutura binária e que apresentam uma moral têm sua formação a partir dos estudos da Fraseologia, assim como esta última teve suas bases na Lexicologia.

No entanto, ao constatar que os provérbios, diferentemente das outras unidades fraseológicas, não necessitam de qualquer complemento lexical para serem compreendidos e detêm um caráter folclórico de transmissão de um

saber popular, passam a fazer parte de uma ciência única e independente, a Paremiologia.

2.2.1. A PAREMIOLOGIA

De acordo com Amadeu Amaral (apud Mota, A. (1974, p. 56), “paremiologia é o estudo das formas de expressões coletivas e tradicionais incorporadas à linguagem corrente”.

Paremiologia (do grego *paroimía*, provérbio + *logos* (tratado) é a ciência que estuda os refrões, os provérbios, as citações, os adágios, os rifões, as anexins, os ditados, as máximas, os aforismos, os apotegmas, os axiomas, sentenças, dentre outros enunciados fraseológicos. Para a população em geral, os usuários da língua, todos esses termos acima citados podem ser entendidos como sinônimos. No entanto, para estudiosos e especialistas da linguagem, eles possuem diferenças sutis, do contrário não haveria uma justificativa para tantos que surgiram e que significam a mesma coisa.

A seguir apresento algumas definições de Basileu Toledo França² na tentativa de demonstrar a distinção entre alguns dos termos mencionados.

- **Provérbio**: Clássico, literário.

Ex: Dize-me com que andas que te direi quem és.

- **Adágio**: Mais popular que o provérbio.

Ex: Antes só do que mal acompanhado.

- **Rifão**: Vulgar, em baixos termos.

Ex: Não conte com o ovo no cu da galinha.

- **Anexim**: Vulgar, com tom de ironia.

² Na obra *Provérbios em Goiás* (1974) de Ático Vilas Boas da Mota, Basileu Toledo França faz a abertura e apresentação do livro da pág. 17 a 22. As definições apresentadas constam da pag. 18 e 19.

Ex: Em boca fechada não entra mosca.

- **Ditado:** Nome popular para adágio.
- **Parêmia:** Nome grego para provérbio.
- **Sentença:** Verdade moral.

Ex: Quem perde a honra pelo negócio, perde a honra e o negócio.

- **Máxima:** Regras de conduta, norma de vida.

Ex: Quem com ferro fere com ferro será ferido.

- **Princípio:** Lei geral.

Ex: A união faz a força.

- **Aforismo:** Conselho.

Ex: Não faça com o outro o que não quer que façam com você.

- **Apotegma:** Dito ou pensamento de autoridade.

Ex: Penso, logo existo.

- **Axioma:** Uma evidência.

Ex: A morte não espera./ O sol nasce para todos.

2.3 OS PROVÉRBIOS

A palavra provérbio vem do latim *proverbium* que significa “palavra pronunciada em público”. São estruturas compostas que possuem mais de uma palavra, portanto, integram o conceito de unidade fraseológica, como visto acima. Contudo, os provérbios não podem, de maneira alguma, ser confundidos com as frases feitas, ou seja, os sintagmas destacados por Rodriguez (2004). Esses sintagmas estão compostos por elementos fixos,

como os provérbios, mas muitas vezes necessitam de alguns complementos para serem incorporados à fala.

Por exemplo, não basta dizer para uma pessoa somente a frase “farinha do mesmo saco” sem colocar mais elementos. Provavelmente o receptor da mensagem não compreenderá. É preciso, então, acrescentar nessa expressão idiomática outros elementos, de modo a completar a sua estrutura e assim possa ser entendida pelo interlocutor que identificará o seu significado com ajuda do contexto de uso. Por exemplo, “Aqueles ali, esses políticos corruptos, são farinha do mesmo saco!”, forma uma frase completa em sentido.

Da mesma forma que uma expressão idiomática possui uma estrutura fechada e cristalizada, o provérbio também possui. Nos dois casos, a estrutura não pode ser desmembrada para que se analise seus elementos separadamente. A diferença entre o provérbio e a expressão idiomática é que o primeiro é um enunciado independente e de sentido completo, enquanto a segunda, necessita de um complemento para completar o sentido.

Para Nilton Mario Fiorio (1995, p. 49), o provérbio é “uma locução corrente na linguagem popular, fechada sobre si mesma (sob os aspectos morfossintáticos) e com uma tendência para o didatismo e a forma elevada”. Além de sua estrutura diferenciada, os provérbios possuem características sociais e morais peculiares.

Esse didatismo mencionado por Fiorio (1995) é justamente a essência que o provérbio carrega de ensinar, aconselhar, avisar, advertir, admoestar ou mesmo ameaçar repetir tal ato. Esse conhecimento transmitido de geração em geração dá ao provérbio um ar especial de respeito e sabedoria. Ninguém ousa desobedecer a um provérbio. A sensação é de que quem o criou já vivenciou aquela situação, já tem experiência sobre aquilo ou é fruto de alguma experiência alheia. Essa característica especial do provérbio o torna um enunciado de elevado grau de conhecimento, sendo intocável, portanto, sem margem para contestação.

2.3.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS PROVÉRBIOS

Como foi visto, os provérbios possuem características específicas. Em geral, eles emanam uma verdade, uma lição de moral, um conselho, uma constatação. A ideia é passar uma mensagem de conhecimento adquirido por meio da experiência, da vivência. Essa mensagem é passada de geração em geração, de forma repetida, fazendo com que aquela sabedoria seja compartilhada.

Uma característica marcante nos provérbios é a **fixação**. Primeiro porque são enunciados fixos e imutáveis. De acordo com Ortiz Alvarez (2012, p.12) “São enunciados pré-fabricados, prontos para serem usados em determinadas situações comunicativas”.

Segundo, porque eles estão convencionalizados na língua. Isso quer dizer que têm a tendência de serem reproduzidos no discurso de forma universal e eterna. É uma sentença que, com poucas palavras, pode representar um pensamento completo e, muitas vezes, complexo. Ao invés de tentar falar, aconselhar ou explicar uma situação que exige do locutor muitas palavras e contornos, ele prefere utilizar um ditado. Com isso, não de forma impositiva, mas de forma arbitrária, somente com o uso, os provérbios ganham espaço e garantem sua manutenção na língua. Segundo Yagüe Gutierrez (apud Ortiz Alvarez (2012, p. 12), os provérbios continuam sempre presentes no cotidiano devido a sua expressividade, o seu conforto e a sua adequação a diversas situações.

Por apresentarem uma sabedoria, um conhecimento que vem de uma época antiga, na maioria das vezes, o provérbio detém um poder de verdade absoluta e provoca no povo, uma aceitação sem margem para a contestação. O falante entende a ideia como certa, principalmente porque outra característica dos provérbios é o anonimato. Dificilmente sabe-se a fonte de um provérbio. Ele simplesmente surge quando já está na “boca do povo”. Esse **anonimato** é extremamente importante para a repetição e conservação do provérbio já que ao desconhecer quem foi que o criou, seja ele um indivíduo,

com suas características pessoais, torna mais fácil aceitá-lo. Nota-se que geralmente quando alguém propõe um provérbio em meio a uma conversa, antes de recitá-lo ele se abstém da responsabilidade e a transfere a uma pessoa sábia, mais experiente, ou um anônimo quando utiliza as expressões “como minha avó dizia...”, “como dizem...”, “já dizia meu avô...”. Esse caráter anônimo dá a impressão de que não teve criador para o ditado, então, ele foi criado por todos, ou seja, é o pensamento de todos, por isso, é verdadeiro.

Porém, muitas vezes podem surgir **variantes** de um provérbio específico, de uma matriz. Termos, em certas ocasiões, são modificados por motivo cultural, de classe social, de geração, de etnia, entre outros. No entanto, na maioria dos casos, a base, ou seja, a ideia e a intenção da mensagem continua a mesma. Como afirma Fiorio (1995, p. 45), “a atualização dos provérbios é constante” Elementos linguísticos que já se perderam por motivo histórico, social ou temporal são substituídos por outros mais recentes ou que tenham mais significação naquele dado momento e espaço.

Essa característica de modificar um provérbio pode parecer desrespeitosa, mas, na realidade, serve como o oposto. Essa ação natural de modificar e/ou adaptar tem um efeito positivo porque, desse modo, respeitam-se os regionalismos e as particularidades de determinado grupo, tornando o seu uso mais confortável e contribuindo para a repetição, ou seja, preservando-o.

Normalmente o conteúdo da variante do provérbio é semelhante ao provérbio matriz. Por exemplo,

Provérbio: O melhor da esperança é esperar por ela.

Variantes: O melhor da festa é esperar por ela./ O bom da festa é esperar por ela.

Provérbio: Morrendo e aprendendo.

Variantes: Vivendo e aprendendo./ Cada dia que se vive, se aprende./ Quanto mais se vive, mais se aprende.

Provérbio: Em terra de cego quem tem um olho é rei.

Variante: Em terra de mineiro qualquer bobo aparta o gado./ O zarolho no reino dos cegos, é rei. (MOTA, Ático Vilas Boas (1974))

Outra importante característica dos provérbios ou ditados populares, é a **rima**. A rima, muito frequente nos provérbios, é um artifício de natureza popular que colabora na memorização e como consequência, na repetição. Quando ele não apresenta rima, possui **ritmo**, um equilíbrio de sons e intensidade, revestidos de métrica na sua estrutura. Além de também auxiliar na memorização, o ritmo torna mais fácil a enunciação, fazendo com que o provérbio flua com suavidade e até, musicalidade.

Esses dois elementos ensejam um caráter poético ao provérbio, que, além de contribuir para a transmissão oral e memorização, traz consigo uma característica intelectual. Os primeiros registros de poesia e até mesmo os atuais, geralmente são compostos por pessoas letradas ou advindos da literatura oral. Dessa forma, essa estrutura poética conferida ao provérbio o torna confiável e então, “autorizado” a ensinar.

Percebe-se facilmente quando um provérbio apresenta rima, por exemplo: “Quem canta - seus males espanta” / “Água mole em pedra dura - tanto bate até que fura” / “Em briga de marido e mulher - não se mete a colher”. A rima é um elemento estético essencialmente popular, transformado pela oralidade e muitas vezes utilizado de forma vulgar para atingir o riso. A rima torna o provérbio leve e de fácil fluidez na boca do povo.

Já no caso do ritmo, é possível senti-lo, mas é necessária uma análise mais poética para explicá-lo. Fiorio (1995, p. 48,49), por exemplo, observa que os provérbios normalmente contêm dois versos (Em casa de ferreiro, / espeto de pau), mas também podem ocorrer com três versos, quatro versos ou mais, frequentemente com recursos estilísticos. Figuras de linguagem como a aliteração (Quem com ferro fere, com ferro será ferido) e a métrica como a redondilha maior, ou seja, versos com 7 sílabas (Quem provoca o poder, será posto a correr) são recursos comuns para a fixação e repasse dos provérbios.

A expressão da **moral** é uma característica presente em todo e qualquer provérbio. Por meio do provérbio, emana-se um ensinamento adquirido pelos antigos, resultado dos princípios e valores universais que regem o comportamento humano. Esses princípios e valores guiam a conduta da sociedade na busca de harmonia nas relações. Os provérbios podem ser vistos como um canal para a disseminação da consciência e consequente bem-estar da sociedade em geral. A moralidade é uma forma de conhecimento e os provérbios carregam isso, razão pela qual possuem uma alta entonação, quando utilizado.

Um elemento muito presente nesse caráter moral é a **metáfora**. Há grandes chances de se ver um provérbio em que sua estrutura não apresente literalidade, ou seja, não basta conhecer o significado de cada palavra apresentada. Para a compreensão da mensagem é preciso um mínimo de raciocínio e interpretação porque, na maioria das vezes, emprega-se a metáfora. Isso permite que o ouvinte caminhe por um processo de reflexão e ele próprio chegue a uma conclusão, fazendo com que o conhecimento seja adquirido de forma autônoma. O uso da metáfora requer do ouvinte um alto nível de conhecimento devido a essa complexidade e exigência de interpretação.

Essa metáfora é implicitamente importante para o usuário do provérbio já que porta traços da cultura e tradição do país ou região, fazendo com que o indivíduo sinta um sentimento de pertencimento com relação àquele lugar e àquela língua, como algo familiar, como algo que faz parte da sua vida. Assim, a metáfora funciona como um código de determinado grupo que o torna singular.

Provérbios já utilizados como exemplo em tópicos citados acima possuem a metáfora, assim como incontáveis outros. A metáfora é usada de diversas maneiras, mas é relevante a frequência de metáforas misturando realidade animal com realidade humana:

EXEMPLOS:

- Cada macaco no seu galho
- Pela boca morre o peixe
- Cão que ladra, não morde.
- De grão em grão a galinha enche o papo.

Em resumo, as características dos provérbios seriam:

- 1) Se tentar entendê-lo separando-o em blocos, será mal compreendido.
- 2) Remetem a verdades gerais, atemporais e costumam ter uma formulação impessoal. Ex: Santo de casa não faz milagre.
- 3) Tem características que os distinguem: de cunho estrutural e semântico
 - a) Mecanismos empregados nos provérbios: rima, assonância, equilíbrio, aliteração, concisão, estrutura binária de sintagmas correlatos.
 - b) Com relação à semântica, deve ter (ou ensinar) uma mensagem admoestativa ou conselho que deve ser empregado metaforicamente. Muitos originaram da literatura.
- 4) Pode ser considerado como uma unidade de cultura e reflexo do comportamento de um povo.

2.3.2 UMA REFLEXÃO SOBRE AS ORIGENS DOS PROVÉRBIOS

Como já foi discutido anteriormente, é bastante difícil descobrir a origem de determinado provérbio. No entanto, certamente, eles surgem de algum grupo ou comunidade linguística. O primeiro grupo a se imaginar é o povo, a sua cultura popular. Sem dúvida, grande parte dos provérbios conhecidos hoje, originou-se do dia-a-dia da coletividade. Porém, não só da criatividade popular se originaram esses provérbios.

Muitos deles são de **origem clássica**, ou seja, de origem bíblica ou religiosa. De origem bíblica porque vieram dos ensinamentos dos Evangelhos.

Alguns são retirados diretamente dos provérbios da Bíblia e utilizados na língua popular e muitos outros são adaptados à linguagem moderna ou baseados na ideia principal daquele provérbio.

Como afirma Ático Mota (1974, p. 48), "Os provérbios não têm idade. Quando aparecem formas aparentemente novas, quase sempre por trás delas se oculta um clichê antigo." A existência dos provérbios não tem data. Por isso, a maioria das pessoas se contenta em imaginar que existiram "desde sempre".

Contudo, se observa que as demais religiões também colaboram de forma significativa na coleção de provérbios ou ditados que se tem acesso hoje. Muitos provérbios utilizados popularmente têm suas origens nas religiões chinesas, árabes, russas, e foram adaptados para o português de forma a manter o mesmo significado.

Exemplos de provérbios de origem clássica (religiosa, principalmente):

- A fé move montanhas.
- A César o que é de César.
- Tal pai tal filho.
- Quem dá aos pobres empresta a Deus.
- A mentira tem pernas curtas.
- Diz-me com que andas e te direi quem és.
- Quem semeia vento, colhe tempestade.
- Façam o que digo, mas não façam o que eu faço.
- Deus ajuda quem cedo madruga.
- Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Muitos deles também são de **origem literária**. Provêm da literatura, do teatro ou de citações de personalidades históricas. Autores e escritores, muitas vezes, conquistam o público leitor de tal modo que suas frases e pensamentos são repetidos no cotidiano do falante. Desse modo, de boca em boca e de ouvido a ouvido, o enunciado daquele autor, em determinado livro, se torna popular.

Antigamente, quando não se tinha muito acesso à leitura, os poucos pensadores com condições de ler, compartilhavam sua sabedoria literária em grupo de conversas ou mesmo através de cantigas em roda. A sabedoria era transmitida adiante. Isso também contribuía para a popularização de provérbios literários em tempos de pouco acesso aos livros. Com isso criava-se também a chamada Literatura Oral, termo utilizado por Câmara Cascudo (1984). De acordo com Cascudo, essa literatura é composta, além de contos e frases feitas, pelos provérbios, e que essa literatura foi tomando proporções cada vez maiores já que se mantinha com a persistência da oralidade.

Além disso, o folclore, elemento fundamental e inerente em qualquer nação, também é mantido. Para Cascudo (2006, p. 22) "os elementos característicos do folclore são: a) antiguidade; b) persistência; c) anonimato; d) oralidade." Não por mera coincidência, essas características pertencem também aos provérbios. Isso quer dizer que os provérbios estão inseridos no folclore ou mesmo são o folclore de uma nação. A conservação dos provérbios, então, difunde a literatura e também, a literatura difunde os provérbios, mantendo vivo o folclore, ou seja, a cultura daquele povo.

Exemplos de provérbios literários:

- O homem é acima de tudo, aquele que cria. (Literatura francesa)
- Tu te tornas eternamente responsável por tudo aquilo que cativas. (Literatura francesa)
- É preciso enfrentar algumas larvas se quiser conhecer as borboletas. (Literatura francesa)

- Penso, logo existo. (Literatura francesa)
- Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. (Literatura latina)
- A pressa é inimiga da perfeição. (Literatura latina)
- Uma andorinha só não faz verão. (Literatura grega)

Por fim, a maioria dos provérbios é de **origem popular**. São criados de acordo com aspectos culturais, etnológicos, antropológicos e sociais. São consequência da experiência adquirida com a vivência, com a tentativa e com o erro, com o aprendizado de cada dia. Ao serem aceitos, são repassados como forma de ensinamento ao próximo.

Exemplo de provérbios populares:

- Um dia é da caça o outro, do caçador.
- Manda quem pode, obedece quem tem juízo.
- Não há regra sem exceção
- Pra quem sabe ler, pinga é letra.
- Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
- Sai do espeto cai na brasa.

Uma situação bastante recorrente em provérbios é o elemento da fauna. A seguir desenvolvo a questão da metáfora animal em provérbios brasileiros.

2.3.3. ANIMAIS EM PROVÉRBIOS

Nota-se claramente, que grande parte dos provérbios menciona animais em sua estrutura. No Brasil, na área da literatura, acredita-se que isso começou a acontecer quando, em meados do século XVII, Gregório de Matos introduziu animais em seus versos. A partir dele, outros poetas, escritores e literários, passaram a utilizá-los em suas obras.

A influência desse tipo de contato com animais pode ter surgido das fábulas. A fábula é um gênero narrativo desenvolvido na Grécia no século VI, onde eram elaborados diálogos entre animais e ao final, continham uma lição de moral ao homem. Isso se relaciona de forma clara com o conceito de provérbio e com a frequente utilização de animais em seu conteúdo.

No Brasil, não há como não falar da literatura oral indígena. É mais complicado se falar em literatura escrita porque comunidades indígenas muitas vezes não possuem registros escritos em sua língua. O conhecimento do sábio é transmitido aos demais por meio das histórias de tradição, cantigas, mitos, declamações rituais. Nos festejos eram onde a sua cultura e arte eram transmitidas coletivamente. As histórias e as músicas sempre continham uma nuance mítica ao apresentar a origem do povo. Era justamente com os mitos que geralmente surgia a representação animal.

É provável que o aparecimento dos animais na oralidade tenha sido influenciado pelos índios, no Brasil. O universo indígena é composto pela fauna e flora e entre suas principais práticas de sobrevivência incluem a caça e a pesca. A presença dos animais na vida do índio é clara e isso se reflete na oralidade. Há por exemplo mitos e lendas com o nome “Arutsãm – O Sapo Astucioso”, “Irapuru – O Canto que Encanta”, “Coacyaba – O Primeiro Beija-flor”, “O Menino e a Onça – Como os Caiapós conquistaram o Fogo” e muitos outros que mencionam animais no conteúdo (Andrade e Silva, 1990). Os peixes e as aves são, geralmente, os preferidos para constar dos contos indígenas.

A explicação dessa prática comum, segundo Mauro Mota (1978, p. 15) é que "Eles falam para servir de intérpretes às reações humanas. É como se passassem uma procuração coletiva, pra ensinar a expressividade aos homens, trazer-lhes a saída nas situações mais diversas." Os animais representados, transmitem uma sabedoria de caráter moral ao homem e tornam-se exemplos para eles.

Outro motivo para essa utilização é a relação que os animais têm com os homens, nas características físicas ou psicológicas. É feita uma comparação com o modo de vida do animal com alguma característica própria humana. Nos provérbios, observa-se inúmeras comparações entre animais e humanos das mais diversas naturezas. Nota-se também a preferência na utilização de animais ao invés do próprio ser humano em situações genuinamente humanas.

Com a chegada dos colonizadores europeus, houve o choque entre culturas. O europeu deixou marcas na cultura indígena, mas os índios também influenciaram a cultura européia. Com isso, o Brasil se tornou um país com bastante diversificado. A presença africana nas terras também contribuiu para a constituição da cultura brasileira. Estrangeiros trouxeram os provérbios de sua pátria, que muitas vezes foram mantidos tal e como são, e muito comumente foram modificados ou adequados à vida na região e continuam sendo atualizados até hoje.

Em relação à presença animal, por exemplo, Fiorio (1995, p. 45) acredita que “animais de fábulas e provérbios europeus ou asiáticos ou africanos, notáveis por determinado telurismo local, foram substituídos no Brasil pelos seus equivalentes”. Isso resultou em provérbios bastante misturados culturalmente, porém, tipicamente brasileiros já que foram adaptados às características da região.

Exemplo de provérbios portugueses arcaicos (Jean Lauand³):

- Gatto escaldado, da agua fria ha medo.
- Gram e gram enche a galinha o papo.

Adaptando para o português brasileiro, têm-se:

- Gato escaldado não tem medo de água fria.

³ Jean Lauand (Prof. Titular EDF-FEUSP). 500 provérbios portugueses antigos. Educação moral, mentalidade e linguagem. Disponível em <http://www.hottopos.com/vdletras4/jeans2.htm>

- De grão em grão a galinha enche o papo.

Há também inúmeros provérbios africanos com a metáfora animal, que possivelmente também tiveram influência na oralidade dos europeus que estiveram no Brasil na época da colonização. Na época em que a escravidão do africano estava em seu auge, a sua presença na região era comum. Alguns exemplos de provérbios africanos:

- O cavalo que chega cedo bebe água boa.
- O macaco, mesmo coberto com pele dum carneiro, sempre será um macaco.
- Quando dois elefantes brigam, quem sofre é a grama.

Depois da análise de um pouco da história sobre a frequente presença do mundo animal nos provérbios brasileiros, surgiu a curiosidade e o interesse em descobrir quais seriam os animais mais recorrentes nesses provérbios e qual seria a explicação para a ocorrência. Para isso, foi feito um trabalho de compilação e análise de corpus.

3. METODOLOGIA

A Linguística de corpus é uma área da Linguística que propõe coletar e analisar conjuntos de textos ou transcrições da fala armazenadas em arquivos eletrônicos. Esses dados lingüísticos são chamados corpus ou corpora (plural de corpus) e devem ser autênticos, legíveis por computador e representativos da área a ser estudada. O corpus deve ser armazenado em computador porque a informática é o meio em que a Linguística de Corpus trabalha. Para que um trabalho com corpus seja desenvolvido é necessário utilizar algumas ferramentas computacionais (softwares) como, por exemplo: WordSmith Tools 5.0 e AntConc 3.2.1.

A Linguística de Corpus é uma área do conhecimento que estuda a linguagem por meio da utilização de grandes quantidades de dados empíricos

relativos ao efetivo uso da linguagem, com auxílio do computador. A sua principal característica é a observação de uma ou mais línguas (ou variedades de língua) armazenados em bancos de dados que compõem um corpus, com a utilização de ferramentas eletrônicas especialmente desenvolvidas para auxiliar o pesquisador na análise dos dados, o que facilita o trabalho de verificação dos fenômenos da língua em uso.

Sanchez (1995, pp.8-9) define corpus como:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade de uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para descrição e análise.

Berber Sardinha (2004, pp. 18-19) afirma que para a análise acurada de um corpus é importante levar em consideração:

- a) A origem: os dados devem ser autênticos;
- b) O propósito: sua finalidade é servir de objeto ao estudo linguístico;
- c) A composição: o conteúdo deve ser criteriosamente escolhido;
- d) A formatação: os dados devem ser legíveis por computador;
- e) A representatividade: o corpus deve ser representativo de alguma língua, ou variedade de língua;
- f) A extensão: para fins representativos, o corpus deve ser vasto.

Assim, a utilização adequada de um corpus, por meio de ferramentas computacionais proporciona aos estudiosos da linguagem encontrar provas de ocorrência de um dado fenômeno da língua e determinar a ocorrência de cada frequência de uso do objeto de estudo.

A pesquisa proposta neste trabalho teve como objetivo descobrir e analisar os animais que aparecem com mais frequência nos provérbios

brasileiros. Para isso, foi utilizado o concordanciador (AntConc 3.2.1), programa de computador que faz a listagem das ocorrências de determinada palavra ou frase. Além disso, o programa fornece o contexto em que a palavra aparece, mostrando os termos que aparecem a sua esquerda e a sua direita, o que proporciona diversas opções de análise.

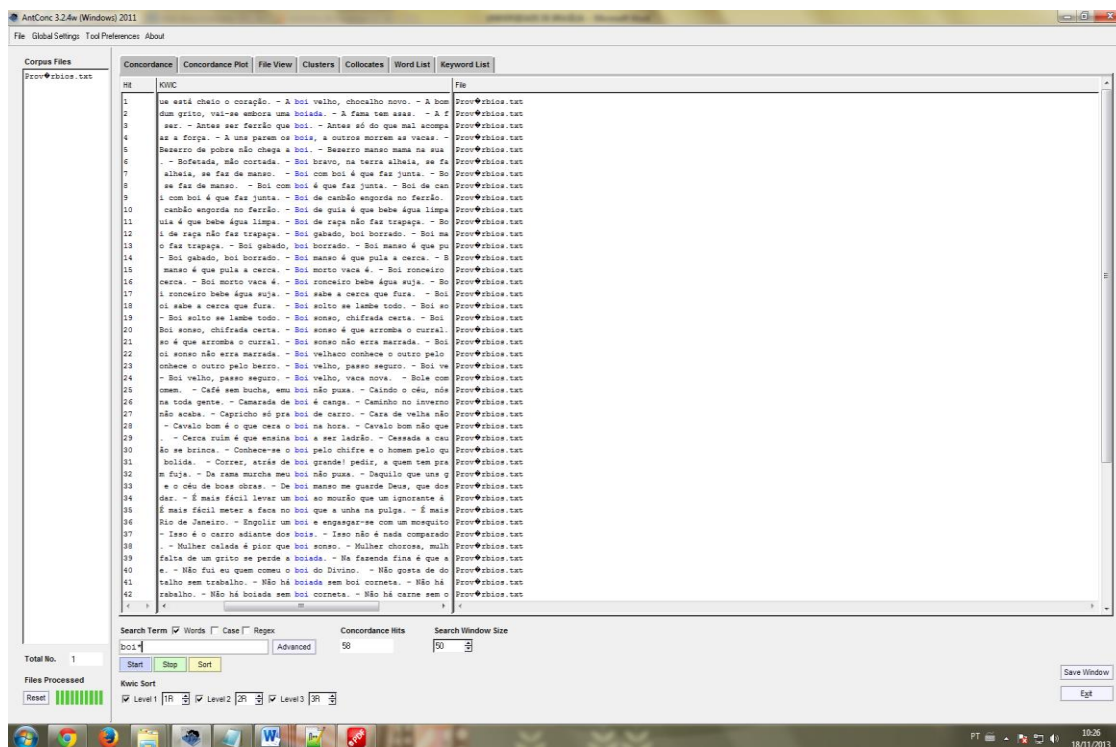
O corpus foi constituído por 2067 provérbios extraídos do site Portal Brasil⁴, o qual apresenta uma coletânea de adágios e expressões proverbiais do Brasil em geral; e, como complemento, a obra de Mauro Mota, *Os bichos na fala da gente* (1978).

Primeiramente, os dados coletados das determinadas fontes foram inseridos no software *Bloco de Notas* e salvos na extensão “txt”, a fim de que o programa *AntConc* os pudesse ler. Por meio deste, foi possível observar a frequência de cada palavra presente nos provérbios do corpus, por meio da ferramenta *Word List*. Ao listar as palavras, o *AntConc* apresentou um erro ao exibir códigos no lugar das letras que possuíam acentos. Foi necessário, então, alterar o *Language Encoding settings* para “Unicode UTF8” em conformidade com o arquivo de dados principal.

Depois de solucionar o problema, de volta à listagem do *Word List*, foquei novamente no objetivo inicial: investigar quais e o porquê de determinados animais serem os primeiros da listagem. A partir disso, decidi submeter à pesquisa apenas os três primeiros animais exibidos na lista, o boi, o cavalo e a galinha, nessa ordem. Contudo, o programa estava distinguindo maiúscula de minúscula, e plural de singular, ou seja, ele nos apresentava uma frequência para *Boi* e outra para *boi*, assim como para *bois* e para *boiada*. Deste modo, para obter uma única contagem que abrangesse todas as formas relacionadas ao animal *boi*, foi preciso utilizar a técnica *lematização* - adicionar um asterisco na busca do animal específico (e. g.: *boi**).

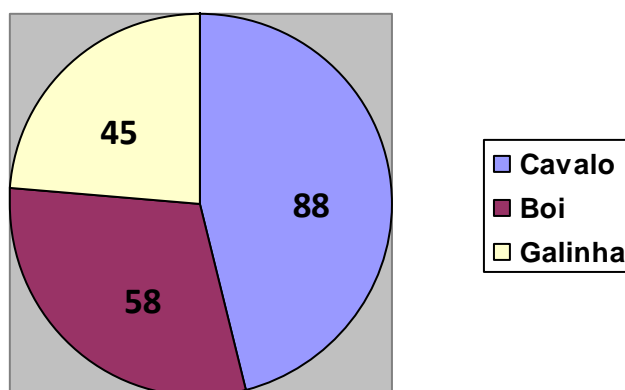
⁴ Referências Bibliográficas: Portal Brasil. (s.d.). *Adagiário Brasileiro (Dito Popular)*. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/ditopopular/adagio.htm>

Figura 1 - Ferramenta *Concordance* para lematização da palavra "boi"



Devido a esta técnica, juntamente com a ferramenta *Concordance* – que mostra a ocorrência da palavra no contexto -, foi constatado que o *cavalo* passou o *boi* em número de frequência, resultando em: *cavalo* com 88 *hits*, *boi* com 58 *hits*, e *galinha* com 45 *hits*.

Figura 2 – Gráfico com número de frequência para cavalo, boi e galinha



A modo de ilustração, a seguir há alguns exemplos de provérbios com os três animais mais frequentes:

Cavalo: - Cavalo alazão freio no braço e sela na mão.

- Enquanto houver cavalo, São Jorge não anda a pé.
- Para cavalo velho, capim novo.
- A cavalo dado não se olha os dentes.
- O olho do dono é que engorda o cavalo.

Boi: - Quem nasce para boi nunca chega a ferrão.

- Boi sonso é que arromba o curral.
- Boi de raça não faz trapaça.
- Na falta de um grito se perde a boiada.
- Onde o boi é morto, aí se tira o couro.

Galinha: - Galinha velha é que dá bom caldo.

- Em terra onde não tem galinha, urubu é frango.
- A galinha da vizinha é mais gorda que a minha.
- De grão em grão a galinha enche o papo.
- Pobre quando come galinha, um dos dois está doente.

Depois da compilação e da formação do design do corpus, para detalhar ainda mais a análise foi relevante utilizar a ferramenta *Clusters* para observar a relação do animal com outras palavras, formando expressões e adjetivações

mais frequentes. Por exemplo, “cavalo de São Jorge” e “cavalo alazão”; “boi velho” e “boi bravo”; “galinha da vizinha” e “caldo de galinha”.

Figura 3 - Uso da ferramenta *Cluster* para a palavra "cavalo"

Rank	Freq	Cluster
1	2	A cavalo dado
2	2	A cavalo dado não
3	2	A cavalo e
4	2	cavalo dado não
5	2	cavalo dado não se
6	2	cavalo São Jorge
7	2	e cavalo capado
8	2	feia e cavalo
9	2	feia e cavalo capado
10	2	mulher feia e cavalo
11	1	A cavalo e leva
12	1	A cavalo e volta
13	1	A cavalo morto
14	1	A cavalo morto
15	1	A cavalo morto cabendo
16	1	A peca do cavalo
17	1	enigo e ao cavalo
18	1	ao cavalo, nunca
19	1	ao cavalo, nunca agerá
20	1	Agrovela, enquanto o cavalo
21	1	ame e cavalo
22	1	ame e cavalo de
23	1	Arrengo do cavalo
24	1	Arrengo do cavalo que
25	1	bói, passa o cavalo
26	1	Bom São e cavalo
27	1	bom não gaba cavalo
28	1	bonita e cavalo
29	1	bonita e cavalo bô
30	1	cavalo acha joito de
31	1	cavalo acha joito de
32	1	Cavalo alazão antes
33	1	Cavalo alazão antes morto
34	1	Cavalo alazão carga
35	1	Cavalo alazão carga no
36	1	Cavalo alazão deias
37	1	Cavalo alazão deias o
38	1	Cavalo alazão deuro
39	1	Cavalo alazão deuro carga
40	1	Cavalo alazão, todos
41	1	Cavalo alazão, todos o

Em seguida, ao empregar a ferramenta *Collocates* foi possível descobrir a frequência com que algumas palavras se mostram à esquerda e à direita do nome do animal. No componente do *Window Span* escolhi colocar 3R – direito – e 3L – esquerdo -, e observa-se que a palavra ‘não’ aparece com bastante frequência, 22 *hits*. Em contrapartida, ‘bom’ tem somente 8 *hits*.

Figura 4 - Uso da ferramenta *Collocates* para a palavra "cavalo"

The screenshot shows the AntConc 1.2.4a (Windows) 2011 interface. The 'Concordance' tab is active, displaying a list of concordance results for the search term 'cavalo'. The table has columns for Rank, Freq, Freq(L), Freq(R), Stat, and Collocate. The results are sorted by frequency, with 'cavalo' appearing at the top. The search term is 'cavalo' and the window span is set to 3. The interface also shows a 'Files Processed' section at the bottom left and a 'Save Window' button at the bottom right.

Rank	Freq	Freq(L)	Freq(R)	Stat	Collocate
1	61	0	0	-1	cavalo
2	37	0	0	-1	cavalo
3	24	10	14	4.52200	de
4	23	15	8	6.32240	o
5	22	11	11	4.11900	do
6	17	9	8	4.50180	e
7	12	5	7	2.47476	e
8	11	7	4	3.74780	e
9	10	6	4	3.18401	que
10	9	7	2	7.59843	dono
11	8	4	4	6.08572	dono
12	7	4	3	5.60115	ad
13	7	4	3	5.39633	no
14	5	5	0	4.29792	do
15	5	0	5	6.67643	alado
16	4	1	3	5.46690	velho
17	4	2	2	3.76954	um
18	4	2	2	3.68775	tem
19	4	1	3	7.50551	combin
20	4	1	3	2.34104	ee
21	4	0	4	6.67643	pedra
22	4	1	3	4.14287	para
23	4	3	1	4.97268	se
24	4	1	3	4.28412	fat
25	3	0	3	6.93947	do
26	3	1	2	6.67643	roup
27	3	0	3	6.26140	malho
28	3	1	2	9.26140	cincha
29	3	0	3	2.48661	Quem
30	3	2	1	4.11140	por
31	3	2	1	6.17350	Para
32	3	2	1	5.21700	ou
33	3	0	3	7.08147	novos
34	3	2	1	6.88508	mulher
35	3	3	0	6.35451	lado
36	3	0	3	6.67643	Joque
37	3	2	1	5.05194	homem
38	3	1	2	4.37876	de
39	3	2	1	6.26140	dono
40	3	1	2	9.26140	curto
41	3	0	3	6.67643	cardido

Por serem palavras praticamente de significados opostos, trazem uma reflexão de como poderiam caracterizar o *cavalo*, e assim, isso leva ao estudo de Mauro Mota (1978, p. 97), o qual sugere que *cavalo* poderia significar uma pessoa “mal-educada, grosseira ou insolente”, ou seja, palavras de conotação negativa. Ao clicar na palavra ‘não’, o programa nos encaminha novamente ao *Concordance*, e, desta maneira, é possível inferir que ela tende a simbolizar significados metafóricos negativos relativos a *cavalo*. Um exemplo dessa negativa seria: *Cavalo que não dá pra sela bota-se na cangalha*. Ainda para reforçar a conclusão, ao clicar sobre a palavra ‘bom’ verifica-se que a maioria de suas ocorrências possui a palavra ‘não’ à sua direita, ou seja, mesmo uma palavra positiva traz uma conotação negativa neste contexto.

Já no animal *boi*, os adjetivos “manso”, “sonso” e “velho” aparecem com frequência de 7, 5 e 4 *hits*, respectivamente. Na grande maioria dos casos, o adjetivo se mostra à direita do animal, porque de acordo com as regras gramaticais da língua portuguesa, o adjetivo geralmente segue o substantivo.

Mauro Mota (1978, p. 72) também apresenta possíveis significados para o boi, que no caso, seria comparado a um homem "traído pela mulher" e

"imbecil", por exemplo, em *Boi sonso, chifrada na certa*. Tais relações remetem a idéia de que os adjetivos mencionados provavelmente caracterizam o homem que sabe que está sendo traído pela mulher, mas não toma nenhuma atitude, o famoso "corno manso".

Figura 5 - Uso da ferramenta *Collocates* para a palavra "boi"

AntConc 3.2.4a (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files: 2corpus.txt

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

Total No. of Collocate Types: 162 Total No. of Collocate Tokens: 257

Rank	Freq	Freq(L)	Freq(R)	LogR	Collocate
1	37	1	2	6.29592	boi
2	20	2	1	6.29592	Boi
3	14	4	10	3.82114	é
4	13	7	6	3.65651	que
5	11	9	5	3.35154	o
6	10	4	6	3.73233	a
7	9	8	4	3.11349	de
8	7	3	4	2.58897	não
9	7	3	4	3.02052	manao
10	6	5	1	4.79942	O
11	6	1	4	8.79942	sonso
12	4	1	3	6.58897	melho
13	4	2	2	2.46303	se
14	4	3	1	4.40511	da
15	3	2	1	6.32394	água
16	3	1	2	8.04148	traca
17	3	3	0	3.47630	um
18	3	2	1	4.33899	sem
19	3	0	3	4.07961	na
20	3	1	2	6.79942	soito
21	3	2	1	10.38339	gabado
22	3	1	2	2.12129	e
23	3	1	2	3.40239	do
24	3	2	1	8.79942	nao
25	3	1	2	10.38339	bozrado
26	3	2	1	8.04148	bebe
27	2	2	0	9.79942	topaga
28	2	0	2	5.15457	traca
29	2	1	1	5.91978	ed
30	2	0	2	8.79942	soito
31	2	1	1	8.79942	cofex
32	2	1	1	4.99107	est
33	2	1	1	8.21346	seguro
34	2	0	2	4.55050	abe
35	2	1	1	2.41852	quem
36	2	0	2	4.99107	rua
37	2	1	1	6.21346	peio
38	2	1	1	6.99107	pala
39	2	1	1	8.79942	passo
40	2	1	1	6.42850	passa
41	2	2	0	3.55050	onde
42	2	2	0	3.55050	onde

Search Term: boi Words Case Regexp Window Span Same

From: 1 To: 31

Min. Collocate Frequency: 1

Sort by: Sort by Freq Invert Order

Total No.: 1

Files Processed: 1
















Save Window Exit

Por fim, a ferramenta *Collocates* apresenta também a frequência das palavras que se relacionam com a *galinha* nos provérbios, porém, não foi possível obter informações suficientes para deduzir algo preciso. O único dado marcante foi novamente a presença frequente do 'não', que, como no caso do *cavalo*, poderia carregar uma conotação negativa. Mauro Mota (1978, p. 118) comenta que *galinha*, na maior parte das ocorrências, remete a uma "mulher ordinária, que se entrega a qualquer homem", representando, portanto, um sentido negativo. Vê-se no caso de *Rico em casa de pobre é perdição de galinha* ou *Galinha cascadeira encontra minhoca*.

Num país predominantemente rural, durante o período colonial, a região do Nordeste foi a primeira a ser colonizada. Assim, as atividades econômicas eram baseadas na agricultura e pecuária, onde o boi, o cavalo e a galinha faziam parte deste cenário rural, colaborando para a expansão do mercado interno e do território brasileiro.

Além de ser usado na expansão territorial e na economia, o cavalo também foi de suma importância para o transporte de pequenas mercadorias - escoamento da produção pelas regiões de difícil acesso devido às densas matas - e pessoas, antes do advento do automóvel no século XIX. O uso da tração equina foi imprescindível para as conquistas das civilizações na história, e na necessidade de deslocamento de maiores cargas. A carroça, por exemplo, passou a ser um meio de transporte utilizando o cavalo como guia. Ainda muito utilizada nos dias atuais, a carroça puxada pelo cavalo se faz presente no meio rural, e inclusive nos grandes centros urbanos sendo útil para o transporte de material reciclado ou para venda, dos chamados carroceiros.

Tabela 1.9 - Distribuição percentual da população nos Censos Demográficos, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e a situação do domicílio - 1960/2010

Região	Grandes Regiões e Unidades da Federação	1960 ¹ Urbana	1960 ¹ Rural	1970 ¹ Urbana	1970 ¹ Rural	1980 ¹ Urbana	1980 ¹ Rural	1991 ² Urbana	1991 ² Rural	2000 ² Urbana	2000 ² Rural	2010 ² Urbana	2010 ² Rural
	BRASIL	45.1%	54.9%	56.0%	44.0%	67.7%	32.3%	75.5%	24.5%	81.2%	18.8%	84.4%	15.6%
	Região Norte	35.5%	64.5%	42.6%	57.4%	50.2%	49.8%	57.8%	42.2%	69.8%	30.2%	73.5%	26.5%
	Região Nordeste	34.2%	65.8%	41.8%	58.2%	50.7%	49.3%	60.6%	39.4%	69.0%	31.0%	73.1%	26.9%
	Região Sudeste	57.4%	42.6%	72.8%	27.2%	82.8%	17.2%	88.0%	12.0%	90.5%	9.5%	92.9%	7.1%
	Região Sul	37.6%	62.4%	44.6%	55.4%	62.7%	37.3%	74.1%	25.9%	80.9%	19.1%	84.9%	15.1%
	Região Centro-Oeste	37.2%	62.8%	50.9%	49.1%	70.7%	29.3%	81.3%	18.7%	86.7%	13.3%	88.8%	11.2%
	Roraima	43.1%	56.9%	43.1%	56.9%	60.5%	39.5%	64.6%	35.4%	76.1%	23.9%	76.6%	23.5%
	Pará	40.7%	59.3%	47.2%	52.8%	48.5%	51.5%	50.4%	49.6%	66.5%	33.5%	68.5%	31.5%
	Amapá	51.4%	48.6%	54.8%	45.2%	59.1%	40.9%	80.9%	19.1%	89.0%	11.0%	89.8%	10.2%
	Tocantins	17.6%	82.4%	25.1%	74.9%	40.1%	59.9%	57.7%	42.3%	74.3%	25.7%	78.8%	21.2%
	Maranhão	18.0%	82.0%	25.4%	74.6%	31.6%	68.4%	40.0%	60.0%	59.5%	40.5%	63.1%	36.9%
	Piauí	23.6%	76.4%	32.3%	67.7%	42.6%	57.4%	52.9%	47.1%	62.9%	37.1%	65.8%	34.2%
	Ceará	33.7%	66.3%	40.3%	59.7%	53.5%	46.5%	65.3%	34.7%	71.5%	28.5%	75.1%	24.9%
	Rio Grande do Norte	37.6%	62.4%	46.6%	53.4%	59.0%	41.0%	69.1%	30.9%	73.3%	26.7%	77.8%	22.2%
	Paraíba	35.1%	64.9%	41.7%	58.3%	52.7%	47.3%	64.1%	35.9%	71.1%	29.0%	75.4%	24.6%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Na imagem acima é possível verificar o aumento da população da área urbana com o passar dos anos. Ao observar o ano de 1960, percebe-se claramente o grande percentual da população rural em todas as regiões, o que demonstra a maior necessidade desses animais para a realização das tarefas. Porém, em 2010, há um considerável aumento da área urbana. Esse aumento se deve a processos de migração da área rural para a área urbana, o chamado êxodo rural, mas não se pode desconsiderar a urbanização das áreas rurais. Ainda assim, o cavalo, o boi e a galinha até hoje são animais muito presentes e importantes para a economia também em áreas urbanas.

Um dado interessante e que pode ter colaborado para a frequente presença da figura do cavalo é o fato de que quase todos os meninos nordestinos tinham o cavalo-de-pau como brinquedo favorito, porque com ele as crianças acreditavam que poderiam correr pelas calçadas e pelas ruas (MOTA, 1988, p. 39).

No caso do boi, ele foi ainda responsável pela maior extensão de terras. Segundo algumas estimativas do IBGE, estas atividades, no século XVII, alcançavam várias regiões nordestinas e contavam com mais de 600 mil cabeças de gado, todavia as primeiras cabeças de gado chegaram ao Brasil das Ilhas de Cabo Verde em 1534. “A tração animal, a produção de carnes, couros e outros produtos destinava-se a apoiar as atividades centrais, historicamente vinculadas à produção de commodities de exportação, desde o início da cultura da cana-de-açúcar na região Nordeste.” (SCHLESINGER, 2009, p. 1). Desse modo, o boi e o cavalo apareceram unidos no quadro nordestino, pois o couro do boi servia na arte de couro, selas, botas e rédeas para o cavalo.

A galinha como os outros dois animais acima mencionados também fazia parte deste ambiente rural colonial, e ainda permanece no cenário atual. Importante, sobretudo para a subsistência familiar, a galinha, por ser de fácil criação – ave rústica capaz de suportar adversidades climáticas e algumas doenças - e transporte, gerava menos gastos. Além de oferecer a carne, ela

provia inclusive os ovos na alimentação diária, sendo ainda responsável pelo abastecimento do mercado interno e uma boa alternativa para locais de menor infraestrutura, como era o Brasil entre os séculos XVII e XVIII. (EMBRAPA, 2007, p. 4)

Portanto, observou-se na compilação do corpus que o cavalo, o boi e a galinha são os animais mais frequentes em provérbios, e deduzimos após a apresentação destas fontes históricas e de pesquisas institucionais que isso acontece por possuírem traços em comum. De suma importância para a expansão do território do Brasil colonial e para o abastecimento do mercado interno, estes animais foram introduzidos na linguagem popular como um dos agentes essenciais para a criação e propagação dos provérbios. E, por representar na maioria das vezes ações e características humanas, os provérbios, que apresentam animais, se mantêm na língua e passam de geração em geração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo verificou-se que a Fraseologia estuda as unidades fraseológicas e que nelas, estão incluídos os provérbios. Apesar de pertencerem à Fraseologia, os provérbios adquiriram um campo de estudo próprio, a Paremiologia, em razão de possuírem outro viés. Outra questão de destaque comentada foram as controvérsias entre estudiosos, a respeito da ciência na qual eles se encaixam. Isso porque são considerados fraseologismos, porém, com um papel diferenciado, de ensinamento.

Por meio deste trabalho, foi possível analisar, ainda, as principais características dos provérbios, como a rima, o ritmo, a idiomaticidade, a metáfora e seu caráter folclórico. Mais a frente foi realizada uma reflexão acerca das prováveis fontes e origens dos provérbios, a saber: a religiosa, a literária e a popular, e seus respectivos exemplos, a fim de tornar mais clara a ideia. Foram revelados também, por qual motivo e de que maneira, os provérbios são sempre preservados na língua oral.

Ademais, pôde-se observar que a presença da metáfora animal é muito representativa e a relevância do seu estudo foi confirmada. Com a ajuda do software concordanciador AntConc ainda foi possível descobrir quais os animais com maior destaque e analisar, por intermédio da sua história, por qual motivo ocorre essa grande frequência nos provérbios.

O objetivo deste trabalho foi contribuir para o campo de estudo da Paremiologia. Após pesquisas, descobri que essa área de estudo ainda está em desenvolvimento e pouco se tem pesquisado com relação à presença da metáfora animal nos provérbios. Além disso, há pouca divulgação sobre o tema. As pessoas conhecem os provérbios e os utilizam, mas a maioria desconhece que exista uma ciência capaz de estudá-los e colecioná-los.

Os provérbios, frutos da experiência e sabedoria coletiva, fazem parte do patrimônio linguístico e cultural de uma nação. Incorporados na língua do povo, foram se estabelecendo de geração em geração. Hoje e sempre, tão expressivos em qualquer área do conhecimento humano, são capazes de nos ensinar por si só os valores morais e sociais. Eficientes em transmitir uma ideia em poucas palavras, conseguiram tamanho destaque e fixação na comunicação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE E SILVA, W. de. (1990) *Lendas e Mitos dos índios brasileiros*. São Paulo: Ciba-Geigy, 1990. 63 p. Ilust. Bibliografia.

BALLY, Charles. (1951) *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, v. 1. 331 p

BARBOSA, F., NASCIMENTO, M., DINIZ, F., NASCIMENTO, H., & NETO, R. (Julho de 2007). *Publicações Seriadas - Documento.*, disponível em Embrapa Meio-Norte:

http://www.cpamn.embrapa.br/publicacoes/new/sistemaproducao/sistemaproducao_pdf/sistemaproducao_4.pdf

BERBER SARDINHA, T. (2004) *Linguística de corpus*. Barueri-SP, Manole.

BIBER, D.S. CONRAD, & REPPEN, R. (1998) *Corpus linguistics: investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press.

BIDERMAN, M. T. C. (2001) Terminologia e Lexicografia. In: Revista *Tradterm*. Vol. 7, pp. 153 -181.

CASARES, J. (1992 [1950]) *Introducción a la Lexicografía Moderna*. Editorial CSIC.

CASCUDO, L. da C. (1984). *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia.

CASCUDO, L. da C. (2006). *Literatura oral no Brasil*. Editora Global. 2ªed.

CORPAS PASTOR, G. (1997). *Manual de fraseología española*, Madrid, Gredos.

CRIDA ALVAREZ, C. A. (2010). *Fraseo-paremiología e interculturalidad*. Atenas.

FIORIO, N. M. (1995). *Quem conta um conto...A metáfora rural de provérbios em língua portuguesa*. Goiânia, Editora UCG

FREITAS, E. d. (2013). *Importância da Agropecuária Brasileira*. Disponível em Brasil Escola: <http://www.brasilecola.com/brasil/a-importancia-agropecuaria-brasileira.html>

GLAESER, R. (1998). *The Stylistic Potential of Phraselolgical Units in the Light of Genre Analysis*. Phraseology . Ed. A.P.Cowie. Oxford:Clarendon Press.

IBGE. (2010). *Sinopse do Censo Demográfico 2010 Brasil*. Disponível em IBGE:

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=9&uf=00>

KLARE, J. (1986) Lexicologia e fraseologia no português moderno. In: *Revista de Filología Románica*, IV. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense.

MONTEIRO-PLANTIN, R. (2011). *Gastronomismos lingüísticos: uma obra sobre fraseologia e cultura*. In ORTIZ ALVAREZ, M. L & UNTERNBÄUMEN, HUELVA, E. (org) *Uma (re) visão da teoria da pesquisa fraseológica*. Campinas: Pontes Editores, pp. 249-275.

MOTA, Á. (1974). *Provérbios em Goiás: contribuição à paremiologia brasileira*. Goiânia: Oriente.

MOTA, M. (1978). *Os bichos na fala da gente*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

OLIVEIRA, D. R. (2011). *Artigos*, disponível em Damiana Oliveira: <http://www.damianaoliveira.com.br/wp-content/uploads/2011/04/V-CIATI-Damiana-Rosa-de-Oliveira-completo.pdf>

ORTIZ ALVAREZ, M. L. (2000). *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. Tese de Doutorado. UNICAMP: Campinas, SP.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. (2012). *Tendências atuais na pesquisa descrita e aplicada em Fraseologia e Paremiologia Vol 1*. Campinas: Editora Pontes.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. *A Língua(gem) nossa de cada dia: o componente fraselógico no ensino de línguas próximas (ELE e PLE) no prelo*.

PORTAL BRASIL. (s.d.). *Adagiário Brasileiro (dito popular)*. Disponível em Portal Brasil: <http://www.portalbrasil.net/ditopopular/adagio.htm>

QUEIROZ, V. (2003). *ABC, Dito e outros ditos mais. A sabedoria na boca do povo*. Salvador- Bahia.

RODRIGUÉZ, M. Á. S. (2004). *Unidades fraseológicas francesas – estudio en un corpus: la Pentalogía de belleville de Daniel Pennac*. Planteamiento didáctico. Tese (Doctorado en Filosofía y Letras) – Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Filosofía Francesa, Románica, Italiana y Árabe. Universidad de Murcia, 2004.

RUIZ GURILLO, L. (1997): *Aspectos de fraseología teórica española*. Valencia, Universitat.

SANCHEZ, A. ET AL (Orgs.) (1995) *CUMBRE – Corpus Lingüístico del Español Contemporáneo – Fundamentos, Metodología, y Aplicaciones*. Madrid: SGEL.

SAUSSURE, F. de (1916) *Cours de Linguistique générale*. Universidade de Genebra

SCHLESINGER, S. (2009). *O gado bovino no Brasil*. Disponível em Heinrich Böll Stiftung Brasil:

http://www.boell-latinoamerica.org/downloads/texto_gado_boll_2009-4.pdf

SILVA, M. B. da. *Uma palavra só não basta. Um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas*. In: *Revista de Letras*. Nº 28 – Volume ½. 2006.

SILVA, S, Oliveira, E. (2011). *Somos todos seres proverbiais*. Londrina, Universidade Estadual de Londrina.

SILVA, S. (2012). *Freseologia & CIA: entabulando diálogos reflexivos*. Londrina. Universidade Estadual de Londrina.

SOUSA, R. (2011). *Pecuária no período colonial*. Disponível em Brasil Escola: <http://www.brasilecola.com/historiab/pecuaria-no-periodo-colonial.htm>

TAGNIN, S. (2005). *O jeito que a gente diz. Expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo. Editora Disal.

VIRTUOUS, G. (2013). *A Origem das Expressões*, disponível em Só Português: <http://soportugues.com.br/secoes/proverbios/index.php>.

ZULUAGA, A (1980). *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Universidade da Califórnia. P.D. Lang.